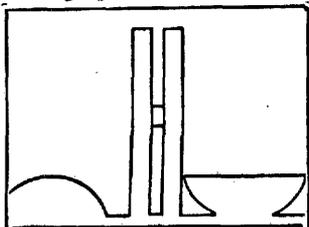


Sarney desafiado por amigos e inimigos

20 MAI 1986

Villas-Bôas Corrêa

O Presidente José Sarney está sendo desafiado de dentro para fora e de fora para dentro. Era previsível e inevitável: tão logo passou o encanto da surpresa do congelamento de preços e o sucesso do plano de estabilização econômica foi entrando na rotina do dia-a-dia, os interesses contrários e as ambições inquietas botaram as manguinhas de fora para testar a capacidade de resistência e de reação do Governo.



Coisas da política

Do adversário não se pode esperar flores. Portanto, nada a estranhar na escalada do governador Leonel Brizola e que tem muito de inspiração eleitoral mas nem por isso deve deixar de preocupar o Governo. A listagem das discriminações federais contra o Estado do Rio de Janeiro todo dia engorda com a inclusão de novos itens acrescidos por Brizola na cadência crescente de denúncias em série. Parece provável que, na sofreguidão de encostar Sarney contra a parede, pregando no Presidente a placa identificadora de inimigo do eleitor fluminense, Brizola não selecione munição nem examine com criteriosa imparcialidade os argumentos oferecidos por assessores e áulicos e, no frigidar dos ovos, esteja misturando acusações sérias com levandades. Esta é, pelo menos, a impressão que se recolhe das explicações de setores do Governo diretamente atingidos pelas rajadas de acusações. Algumas convencem da superficialidade apressada das alegações mas outras deixam a nítida sensação de desculpas mal-ajambradas, exibindo o alinhavo da improvisação.

Ora, Sarney escolheu a saída correta ao recusar-se a entrar no jogo de Brizola e envolver-se e ao seu governo numa polêmica que só aproveitaria eleitoralmente ao governador que se chocou com a maioria da opinião pública ao transformar-se no desafeto do plano de inflação zero. Uma coisa é a tática certa; outra é a conveniência de o Governo oferecer ao povo uma precisa explicação dos seus atos e da sua linha ética de comportamento. Porque, se Brizola exagera na veemência do discurso de campanha, é inegável: que ele está conseguindo passar a dúvida ou a convicção de que a óbvia má vontade federal contra o governador que se desmanda numa oposição desabrida traduz-se, na prática, numa discriminação positivada em, no mínimo, dois ou três episódios inexplicados, como na protelação manobrada do pagamento dos royalties do petróleo ou na demora de um simples despacho autorizando a rolagem da dívida do Estado.

Sarney não pode ter dúvida: o adversário nacional do governo é Brizola, que já engoliu o PT de Lula, embaraçado como mosquito em teia de aranha na contradição do fracasso da administração da sua prefei-

ta Maria Luiza Fontenelle no caos do lixo, da lama e do funcionalismo inflacionado de Fortaleza.

O desafio mais sério e mais duro é o que brota de dentro para fora, na terra adubada pelos interesses prioritários da sobrevivência eleitoral. Eles estão pipocando de todos os lados e reclamando do presidente Sarney a repetição do murro na mesa da virada econômica. Antes que a roda sortuda da popularidade desande com a desconfiança de que a coragem durou pouco, foi só um instante de desespero e se acabou.

O Governo está assistindo de camarote à briga de foice entre a sua banda técnica e o seu reverso político. Muitas questões estão pendentes e à medida que se prolongam num choque que vaza para o público, desgastam a autoridade de Sarney. Há uma pressão para que o Governo afrouxe por baixo do pano a determinação de policionar os gastos e solte verbas que lambuzem os candidatos ao voto de 15 de novembro. Não basta apenas resistir. O Governo necessita afirmar o seu comando dando um berro, adotando providências severas e públicas.

A marola das nomeações estaduais, embora muito menor do que a onda escandalosa de 82 que jogou mais de meio milhão de ociosos em quadros abarrotados, inviabilizando por anos alguns estados, como o Ceará, Minas, Rio Grande do Sul, tecnicamente falidos, inspirou ao governo uma medida corretiva um tanto tardia e incompleta. Antes que a lei eleitoral seja reformada, a vergonha consumou-se. Não me venham com a alegação rota de que é a autonomia dos estados que está em causa. Cabia ao Governo uma palavra enérgica e firme de condenação, dando o nome aos bois e anunciando que as tetas federais não sustentarão com verbas a fundo perdido os desmandos irresponsáveis de candidatos que querem se eleger com o dinheiro dos outros.

Ainda não é tudo. Paira no ar a suspeita de que o Governo anda tímido, hesitante, com medo de descontentar certos figurões na implementação de reformas que foram anunciadas, complementam a reviravolta econômica, dão sentido e grandeza ao esforço nacional para fiscalizar os preços.

Esta é a expectativa que não absorve uma desestabilizadora frustração. A reforma agrária não pode ser desossada para atender aos prudentes manipuladores de votos nem a reforma administrativa podada nas ramagens moralizadoras de reduzir e racionalizar um dos grandes motivos de permanente indignação do país.

Daqui para o fim do ano, começo de 87, vamos conferir o tamanho da disposição de Sarney de enfrentar a insensibilidade social dos credores no lance decisivo da renegociação da dívida externa, prova dos nove do Governo, o fecho do soneto.

Para chegar até lá é preciso vencer a etapa intermediária e crítica. Sarney está acutilado pelos dois lados e Brizola talvez seja um adversário menos temível do que os amigos que cobram do Governo a sua desmoralização.